

## Entrelaçando os Fios da Memória: um Piloto-Poeta no Exílio

**Patrícia Munhoz**

*UNESP/Assis-SP (FAPESP)*

**Resumo:** Em setembro de 1939, eclode a Segunda Guerra Mundial, a França declara guerra à Alemanha e o escritor francês Antoine de Saint-Exupéry é nomeado capitão do grupo 2/33, encarregado de realizar voos de reconhecimento fotográfico sobre o norte da França, a fim de fotografar a movimentação do inimigo nos territórios ocupados pelo equipado exército alemão. Com a derrota de seu país e a assinatura do armistício em junho de 1940, Saint-Exupéry decide exilar-se nos Estados Unidos, onde publica algumas obras, tais como *Piloto de Guerra* (1942), *Carta a um refém* (1943) e o famoso *O Pequeno Príncipe* (1943). Neste trabalho, pretendemos abordar *Carta a um refém*, apoiando-nos principalmente nas reflexões de Edward Said a respeito da teoria do exílio, a partir do olhar em trânsito de Saint-Exupéry, que evoca em seu texto diversas experiências, como sua passagem por Portugal em 1940, quando estava a caminho dos Estados Unidos; o tempo vivido no Saara; sua experiência como piloto de guerra na derrota francesa contra os alemães e sua passagem como repórter durante a guerra civil na Espanha. Portanto, podemos contemplar o olhar sensível de um escritor que, por meio das experiências vividas e lembradas, é capaz de enxergar a si mesmo, ao outro e ao mundo que o rodeia com respeito e tolerância, valores pouco cultivados em tempos bélicos. Em cada uma delas, reúnem-se recordações de experiências pessoais do autor, que leva o leitor a acompanhá-lo nesse caminho da memória na conformação de um sujeito em deslocamento. Assim, entrelaçando os fios da memória, o autor denuncia as intolerâncias em tempos de guerra e recupera os valores essenciais para a humanidade, renovando seu apelo, quase como um grito: “Respeito pelo Homem!”

**Palavras-chave:** Saint-Exupéry, Segunda Guerra Mundial, Exílio

**Résumé:** En septembre 1939, la Seconde Guerre Mondiale éclate, la France déclare la guerre à l'Allemagne et l'écrivain français Antoine de Saint-Exupéry est nommé capitaine du groupe 2/33, qui était chargé d'effectuer des missions de reconnaissance photographique dangereuses sur le nord de la France, afin de photographier le mouvement de l'ennemi dans les territoires occupés par l'armée allemande équipée. Avec la défaite de son

pays et la signature de l'armistice en juin 1940, Saint-Exupéry décide de s'exiler aux États-Unis, où il publie des œuvres comme *Pilote de Guerre* (1942), *Lettre à un otage* (1943) et le célèbre *Le Petit Prince* (1943). Dans ce travail, nous avons l'intention d'aborder *Lettre à un otage*, en s'appuyant surtout sur les réflexions d'Edward Saïd à propos de la théorie de l'exil, à partir du regard en transit de Saint-Exupéry, qui évoque dans son texte diverses expériences, comme son passage par le Portugal en 1940, quand il était en route pour les États-Unis; le temps vécu dans le Sahara; son expérience en tant que pilote de chasse dans la défaite française contre les allemands et son passage comme journaliste pendant la guerre civile en Espagne. Donc, nous pouvons contempler le regard sensible d'un écrivain qui, à partir de ses expériences vécues et rappelées, est capable de se voir, voir aussi le prochain et le monde autour de lui avec le respect et la tolérance, des valeurs peu cultivées en temps de guerre. Dans chaque expérience, il y a des souvenirs personnelles de l'auteur, ce qui conduit le lecteur à l'accompagner sur ce chemin de la mémoire, en configuration d'un sujet en mouvement. Ainsi, en tissant les fils de la mémoire, l'auteur dénonce l'intolérance en temps de guerre et récupère les valeurs essentielles pour l'humanité, en renouvelant son appel, presque comme un cri: "Respect de l'homme!"

**Mots-clés:** Saint-Exupéry, Seconde Guerre Mondiale, Exil

O século XX foi marcado por um período de mudanças e fatalmente abalado por duas grandes guerras, principalmente pela segunda delas, cujos efeitos repercutem até hoje. Durante esse período, muitos intelectuais – não somente judeus – foram perseguidos, exilados, obrigados a sair de suas pátrias e buscar refúgio em outros países. Alguns escritores não foram exilados, mas emigrados voluntários, e mesmo assim conheceram as dificuldades de deixar a terra natal para se arriscar em um novo mundo.

Dentre esses intelectuais, podemos citar vários nomes conhecidos na literatura mundial, como o filósofo alemão de origem judia Theodor W. Adorno, o poeta e diplomata francês Saint-John Perse, o dramaturgo alemão Bertold Brecht, o romancista também alemão Thomas Mann e os escritores franceses André Breton e Jacques Maritain. Todos os intelectuais referidos, dentre tantos outros que poderiam ser mencionados aqui, encontraram asilo em solo norte-americano e puderam expressar suas ideias através da escrita.

Por esse motivo, o intelectual palestino Edward Said (2003) afirma que a moderna cultura ocidental é, em grande medida, obra de exilados, emigrantes e refugiados. Ele também declara que nos Estados Unidos, país onde morou a maior parte de sua vida, o pensamento acadêmico, intelectual e estético é o que é hoje graças aos refugiados do fascismo, do comunismo e de outros regimes dados a oprimir e expulsar os dissidentes.

Durante a vigência da ditadura nazista na Europa, entre muitos escritores franceses que emigraram para os Estados Unidos, estava Antoine de Saint-Exupéry, autor do célebre *O Pequeno Príncipe* (1943). Esse livro, bem como *Piloto de Guerra* (1942) e *Carta a um refém* (1943), são publicados nesse país, no período de exílio do autor, e encontram um enorme sucesso junto ao público americano.

Com o início da Segunda Guerra Mundial, em setembro de 1939, a França declara guerra à Alemanha e o escritor Antoine de Saint-Exupéry é nomeado capitão do grupo 2/33, encarregado de realizar voos de reconhecimento fotográfico sobre o norte da França, a fim de fotografar a movimentação do inimigo nos territórios ocupados pelo equipado exército alemão.

Após a derrota de seu país e a assinatura do armistício em junho de 1940, decide deixar a França e parte para os Estados Unidos, onde já havia se consagrado como escritor, ganhando importantes prêmios, como o prêmio norte-americano National Book Award por seu livro *Terra dos homens* (1939). Em plena guerra, *Piloto de Guerra* é o livro mais vendido no ano, influenciando extremamente a opinião pública norte-americana. Em novembro do mesmo ano, ele é publicado na França, porém rapidamente é interditado pelas forças de ocupação.

Apesar do enorme sucesso de seu trabalho nos Estados Unidos e inegavelmente em seu país de origem, Saint-Exupéry vive amargurado por estar distante de sua pátria e recebe as constantes e ferrenhas críticas da comunidade francesa exilada também nesse país. Na realidade, ele sofria com a divisão de seus compatriotas exilados entre pétainistas e degaullistas, por vê-los envolvidos em constantes intrigas políticas, por esse motivo se negava a participar dessa luta fratricida. O escritor não acreditava que a solução estivesse

em algum partido político, mas na unidade entre seus compatriotas; por isso, em seus discursos, apela para que os franceses se unam na luta pela liberdade.

Dessa forma, esse escritor francês vive o que Said (2003) afirma ser o mais extraordinário dos destinos do exílio: ser exilado por exilados, reviver o processo de desenraizamento nas mãos de exilados. Assim sendo, ele parece sofrer em dobro os suplícios do desterro, já que, além de ter de suportar as dores de estar longe de sua pátria, tem de enfrentar a perseguição de seus conterrâneos. Nesse sentido, Jean-Pierre de Villers (2006: 47) afirma:

L'exil américain sera donc son choix, un choix difficile, qui le deviendra encore plus lorsqu'il découvrira à New York qu'on l'attend, non avec des fleurs, mais avec une hostilité des plus déséquilibrantes. Ce sera donc pour lui la terre de l'exil sentimental, linguistique et culturel.

[O exílio americano será, portanto, escolha dele, uma escolha difícil, que se tornará ainda pior quando ele descobrir, em Nova Iorque, que o esperam, não com flores, mas com uma hostilidade das mais desequilibrantes. Então, para ele será a terra do exílio sentimental, linguístico e cultural.]

A tais dificuldades, poderíamos acrescentar a saudade de estar longe de sua família, sobretudo de sua amada mãe, bem como a distância de seu grande amigo judeu Léon Werth, que vivia Escondido em Saint-Amour, na França, com medo de ser descoberto e preso pelo regime nazista. E é justamente a esse amigo a quem ele remete *Carta a um refém* (em francês, *Lettre à un otage*), que pretendemos abordar neste artigo.

Nesse período bélico instável, o escritor sem pátria busca lançar raízes no território seguro da linguagem, o único vínculo que o exilado pode conservar com seu país. Como afirma Said (2003: 58), a partir das reflexões de Theodor W. Adorno (também exilado): “As reflexões de Adorno são animadas pela crença de que o único lar realmente disponível agora, embora frágil e vulnerável, está na escrita.”

Portanto, propomo-nos a analisar *Carta a um refém* a partir do olhar em trânsito de Saint-Exupéry, que evoca em seu texto diversas experiências, como sua passagem por Portugal em 1940, quando estava a caminho dos Estados Unidos; sua experiência como piloto de guerra na derrota francesa contra os alemães; o tempo vivido no Saara; o almoço

com seu amigo Léon Werth em Fleurville; e sua passagem como repórter durante a guerra civil na Espanha. Assim, a rememoração de tais itinerários lhe possibilita extrair importantes reflexões acerca da amizade, dedicada ao amigo judeu, refém nas mãos do regime nazista.

### **“*Maison des souvenirs* ou casa das lembranças”<sup>1</sup>**

Antes de partir para a América, em outubro de 1940, Saint-Exupéry visita seu amigo Léon Werth, refugiado em Saint-Amour, no departamento de Jura, o qual lhe confia um manuscrito intitulado *Trente-trois jours*. A pedido do amigo, ele ficou responsável por redigir um prefácio para esse livro e publicá-lo junto ao público norte-americano. O prefácio é redigido sob o título de “Lettre à Léon Werth”, que substituíra o título inicial “Lettre à un ami”, entretanto, por razões que não nos cabe discutir neste momento, o manuscrito não foi publicado.<sup>2</sup>

Sendo assim, Saint-Exupéry remodela seu prefácio, removendo qualquer referência direta a Léon Werth e suprimindo fragmentos que enalteciam seu amigo judeu, para torná-lo um texto independente. Dessa forma, *Carta a um refém* é publicada no início de março de 1943 em Montreal, depois, em junho do mesmo ano, nos Estados Unidos e em dezembro de 1944 em seu país de origem.

Nosso objetivo não é estudar a lenta gênese dessa obra, fazendo comparações entre os manuscritos encontrados, tampouco averiguar os trechos suprimidos que fazem elogio a Léon Werth, mas analisar o resultado final do texto, que chega às mãos do público em 1943.

Apesar de o título fazer referência a uma carta, o texto parece aproximar-se muito mais de um ensaio, dividido em seis partes. Em cada uma delas, reúnem-se recordações de experiências pessoais do autor, que leva o leitor a acompanhá-lo nesse caminho da memória na conformação de um sujeito em deslocamento.

A primeira experiência rememorada é a de sua passagem por Portugal, em 1940, quando estava a caminho dos Estados Unidos. Nesse ano, decorreram em Portugal as Comemorações dos Centenários – da Independência de Portugal e da sua Restauração –, de

cujo programa sobressai a Exposição do Mundo Português, um dos eventos culturais mais destacados do Estado Novo.

Esse evento monumental, considerado uma pequena *Cosmópolis Histórica*, organizado numa área de 450 mil metros quadrados, teve por objetivo contar uma história de glória do passado aos portugueses do presente, como afirma Augusto de Castro (1956: 13), Comissário Geral da Exposição do Mundo Português, em seu discurso proferido na inauguração dessa Exposição, a 03 de junho de 1940: “Ambicionamo-la como um Hino à Juventude. Não apenas a oitocentos anos de gloriosa Juventude – que tantos são os de Portugal – mas à Juventude do Presente, à Juventude do Futuro – à Juventude da nossa Imortalidade e da nossa Certeza Nacional.”

Durante sua passagem por esse país, onde fica por algumas semanas, Saint-Exupéry tem a oportunidade de conhecer essa exposição, o que lhe causa uma grande indignação, já que, naquele momento, a Europa sofria com a Segunda Guerra. O escritor acabara de deixar seu país, após a invasão alemã, passando pela experiência de perder muitos de seus companheiros na campanha de 1940.

Ainda neste primeiro capítulo do texto, ele relembra esse fato e declara ter saído de uma guerra densa, sofrendo a perda de três quartos de sua tripulação em uma única ofensiva alemã. Logo, ele havia vivenciado os horrores dos bombardeios, da perseguição nazista, da invasão de seu país, do êxodo de seus compatriotas, enfim “[...] la morne atmosphère de l’esclavage et la menace de la famine” [a sombria atmosfera da escravidão e a ameaça de fome] (Saint-Exupéry 1999: 90).

Assim, saindo dessa experiência traumática, Saint-Exupéry depara-se com a capital portuguesa em clima de festa, o que parecia contraditório diante das circunstâncias e da ameaça de invasão iminente. É por meio de uma metáfora bélica que ele sugere uma razão para a ousadia de Portugal em promover a exposição: “Faute d’une armée, faute de canons, il avait dressé contre la ferraille de l’envahisseur toutes ses sentinelles de pierre: les poètes, les explorateurs, les conquistadores” [Não tendo um exército, não tendo canhões, havia erguido contra o ferro do invasor todas as suas sentinelas de pedra: os poetas, os exploradores, os conquistadores] (*ibidem*: 89).

Na realidade, ele reconhece a grandiosidade do evento, embora classifique Lisboa como um “paraíso claro e triste”, que se agarrava a uma falsa ilusão de felicidade. Por essa razão, afirma: “On jouait au bonheur, à Lisbonne, afin que Dieu voulût bien y croire” [Brincava-se de ser feliz, em Lisboa, a fim de que Deus também acreditasse nessa felicidade] (*ibidem*: 89).

Mesmo com a claridade de Lisboa, em oposição às cidades “cor de cinza” de sua pátria, o escritor sente uma tristeza enfatizada ao longo da primeira parte. Por tal motivo, ele declara: “Et je trouvais Lisbonne, sous son sourire, plus triste que mes villes éteintes” [E eu achava Lisboa, sob seu sorriso, mais triste que minhas cidades extintas] (*idem*: 89).

Além disso, Saint-Exupéry afirma que o ar de tristeza era acentuado pela presença de inúmeros refugiados, que vinham buscar abrigo na iluminada capital portuguesa, como descreve o biógrafo Curtis Cate (1994: 309): “Mais ce havre de lumière, dans un monde couleur de cendre, avait attiré une foule de réfugiés. A Lisbonne, il ne restait plus un lit vide” [Mas este paraíso de luz, em um mundo acinzentado, havia atraído uma multidão de refugiados. Em Lisboa, não sobrara mais um leito vazio]. Realmente, em 1940, Portugal é invadida por milhares de refugiados que fogem da perseguição nazista e estão a caminho do exílio.

Por essa razão, Saint-Exupéry critica os emigrantes que se “[...] s’expatriaient loin de la misère des leurs pour mettre à l’abri leur argent” [exilavam para longe da miséria dos seus, a fim de proteger sua fortuna] (Saint-Exupéry 1999: 89). Nessa perspectiva, ele confessa sua angústia ao contemplar essas pessoas participando de jantares requintados, exibindo suas jóias e suas melhores roupas e esbanjando suas fortunas em jogos. Aliás, como o escritor ressalta, usavam moedas talvez inteiramente desvalorizadas, uma vez que suas riquezas eram garantidas por fábricas já confiscadas ou próximas da destruição, ameaçadas pelas bombas aéreas.

Diante desse triste cenário, ele compara seus refugiados a “filhos pródigos sem casa para voltar”, como pode ser observado no trecho a seguir:

Ils le sentaient bien. De même que Lisbonne jouait au bonheur, ils jouaient à croire qu'ils allaient bientôt revenir. Elle est douce, l'absence de l'enfant prodigue! (...) Ils n'étaient point des enfants prodigues. Ils étaient des enfants prodigue sans maison vers quoi revenir.

[Eles sentiam bem isso. Da mesma forma que Lisboa fingia ser feliz, eles fingiam acreditar que voltariam logo. É doce a ausência do filho pródigo! (...) Eles não eram filhos pródigos. Eram filhos pródigos sem casa para voltar.] (*ibidem*: 91)

E aqui podemos observar o intertexto bíblico, fazendo alusão à parábola do filho pródigo, narrada no capítulo 15 do evangelho de São Lucas. Esta parábola conta a história de um homem que tinha dois filhos. O mais novo pede ao pai sua parte da herança e vai para uma terra distante viver sua vida dissolutamente. Lá, ele gasta todos os seus bens, fica miserável, chegando a comer lavagem dos porcos. Decide, então, voltar arrependido para a casa do pai, onde é acolhido com muita festa.

Assim, ele coloca esses refugiados como filhos pródigos que gastam os seus bens desregradamente, porém, ao contrário do desfecho do texto bíblico, eles não poderão regressar à casa paterna, uma vez que a guerra impedirá o retorno. De fato, eles exibem uma felicidade artificial e uma falsa identidade, porque estão vazios de significado, de pessoas que lhe ofereçam amizade e fraternidade. Em vista disso, mesmo estando em uma cidade abarrotada de pessoas, Saint-Exupéry se sente triste e angustiado, evocando outro itinerário em sua memória: o deserto do Saara.

Em 1927, como piloto do correio aéreo pela Aéropostale, Saint-Exupéry é nomeado chefe de uma base em Cap Juby, uma escala na África Ocidental na linha de Dakar. Essa escala era situada na zona espanhola do Rio do Ouro, em um lugar retirado e desértico às margens do oceano, uma das mais perigosas zonas sobrevoadas pelo Correio Aéreo. Durante dezoito meses, ele ficará encarregado de restabelecer as relações com os mouros insubmissos e com o governo espanhol, que havia interditado os voos de aviões franceses naquela região.

No deserto, os mouros aprisionavam e muitas vezes matavam os pilotos que sofriam algum acidente e caíam em área de dissidência. O próprio Saint-Exupéry realizou vários resgates de amigos pilotos que padeceram as dificuldades do início do serviço postal aéreo.



Em uma das cartas enviadas a sua mãe nessa época, ele afirma: “Minha mãezinha, que vida de monge a minha, no canto mais perdido da África inteira, em pleno Saara espanhol. Um fortim na praia, nossa barraca encostada nele e nada mais durante centenas e centenas de quilômetros.” (*apud* Maria 1973: 29). Nesse “monastério” isolado e desértico, o jovem piloto amadureceu e pode extrair experiências que vão ressoar em várias de suas obras.

Em *Carta a um refém*, por exemplo, Saint-Exupéry conduz o leitor a enxergar o Saara além da areia uniforme a perder de vista, desvendando os mistérios e os tesouros pouco explorado pelos homens. Há um longo parágrafo no qual ele decifra “os silêncios” do deserto, pois, para ele, um silêncio não se parece com outro:

Il est un silence de la paix quand les tribus sont conciliées, quand le soir ramène sa fraîcheur et qu’il semble que l’on fasse halte, voiles repliées, dans un port tranquille. Il est un silence de midi quand le soleil suspend les pensées et les mouvements. Il est un faux silence, quand le vent du Nord a fléchi et que l’apparition d’insectes, arrachés comme du pollen aux oasis de l’intérieur, annonce la tempête d’est porteuse de sable. Il est un silence de complot, quand on connaît, d’une tribu lointaine, qu’elle ferment. Il est un silence de mystère, quand se nouent entre les Arabes leurs indéchiffrables conciliabules. Il est un silence tendu quand le messenger tarde à revenir. Un silence aigu quand, la nuit, on retient son souffle pour entendre. Un silence mélancolique, si l’on se souvient de qui l’on aime.

[Há um silêncio de paz, quando as tribos se conciliam, quando a noite traz sua frescura e parece que a gente para, velas dobradas, em um porto tranquilo. Há um silêncio do meio-dia quando o sol suspende os pensamentos e os movimentos. Há um falso silêncio, quando o vento do norte acalma e o aparecimento de insetos, como que arrancados do pólen dos oásis do interior, anuncia a tempestade do leste, carregada de areia. Há um silêncio de conspiração, quando se sabe, de uma tribo longínqua, que se agita. Há um silêncio de mistério, quando os árabes se reúnem em seus indecifráveis conciliábulos. Há um silêncio tenso, quando o mensageiro demora a voltar. Um silêncio agudo quando, à noite, prende-se a respiração para ouvir. Um silêncio melancólico, se lembramos dos que amamos.] (Saint-Exupéry 1999: 93)

Nessa citação, podemos observar a repetição da palavra “silêncio”, quase como um refrão de uma música que se repete, capaz de trazer ao ouvido do leitor o som misterioso das areias pouco povoadas do Saara. A descrição contempla não só as dificuldades e

desafios, como o sol, os insetos, as disputas entre as tribos, as tempestades de areia, ela também abrange a paz, a reconciliação entre as tribos, a meditação e o amor.

Da mesma maneira, ele desvenda e indica o caminho que cada estrela aponta no céu do Saara, pois cada uma mostra um rumo diferente: uma estrela indica um poço longínquo, difícil de atingir; outra aponta um poço extinto; uma terceira serve de guia para um oásis desconhecido; há a que aponta a direção para a cidade branca do Sul e outra que leva ao mar.

Portanto, diante das dificuldades enfrentadas pelo homem do deserto, é possível perceber que se forma uma “[...] musculature secrète et vivante” [musculatura secreta e viva] (*ibidem*: 93), por meio da qual tudo se orienta e ganha sentido. Pode parecer paradoxal, mas Saint-Exupéry, a bordo de um navio abarrotado de refugiados em Portugal, afirma compreender o deserto e declara que o Saara é mais vivo que uma capital, ao passo que a cidade mais movimentada parece vazia se os pólos essenciais da vida são desimantados. Desse modo, nesse paradoxo, a multidão de pessoas ao seu redor lhe sugere uma situação de vazio e solidão, ao contrário do deserto geográfico, que, na realidade, oferece sentido para a vida.

Aliás, é a partir da reflexão entre esses dois pólos que surge o terceiro itinerário nas lembranças do escritor: um almoço com seu amigo Léon Werth ainda na França, às margens do Saône, um pouco antes da guerra. A referência ao amigo não é direta, em momento algum cita seu nome, porém afirma: “Celui qui, cette nuit-ci, hante ma mémoire est âgé de cinquante ans. Il est malade. Et il est juif. Comment survivrait-il à la terreur allemande?” [Aquele que, esta noite, assombra minha memória tem cinquenta anos. Está doente. E é judeu. Como terá sobrevivido ao terror alemão?] (*idem*: 94).

Na recordação que Saint-Exupéry faz desse acontecimento, ele une a alegria da amizade à maravilhosa paisagem que os acolhe, o que converge na celebração de um rito religioso de partilha. Ele e seu amigo, sentados em um restaurante, convidam para almoçar dois marinheiros que descarregavam um barco: um holandês e um alemão fugido do nazismo. Assim, os quatro são atendidos por uma criada feliz que os serve com muita gentileza, por isso ele afirma: “Bercés par le va-et-vient de la servante sacerdotale, les

mariniers et nous trinquions comme les fidèles d'une même Église, bien que nous n'eussions su dire laquelle" [Embalados pelo vaivém da criada sacerdotal, os marinheiros e nós brindávamos como fiéis de uma mesma Igreja, embora não soubéssemos dizer qual] (*ibidem*: 96).

Vale observar os vocábulos empregados pelo autor: "sacerdotal" e "Igreja", os quais aludem à celebração religiosa em que o sacerdote oferece o pão aos membros da comunidade, que estreitam os laços fraternos quando comungam do mesmo alimento. Na descrição da cena, Saint-Exupéry não declara que eles tenham conversado ou discutido sobre algum assunto, mas a comunicação entre eles aconteceu por meio de um sorriso. A propósito, nos dois últimos parágrafos do capítulo, ele utiliza o vocábulo "sorriso" por doze vezes, para enfatizar a fraternidade entre eles: os dois amigos, os dois marinheiros e a servente, o que pode ser comprovado neste trecho: "L'essentiel ici, en apparence, n'a été qu'un sourire. Un sourire est souvent l'essentiel" [O essencial aqui, aparentemente, foi apenas um sorriso. Um sorriso é frequentemente o essencial] (*ibidem*: 97).

Seguindo esse viés, o autor lembra-se da história de um outro sorriso e passa, então, para seu quarto itinerário: um episódio vivido durante a guerra civil espanhola. Como se sabe, entre 1936 e 1937, Saint-Exupéry vai para a Espanha como correspondente de dois jornais franceses: "L'Intransigeant" e "Paris-Soir", testemunhando as atrocidades da Guerra Civil Espanhola, a partir de um olhar sensível ao sofrimento humano. Para Curtis Cate (1994: 245), as reportagens desse escritor não podem ser vistas no sentido ordinário e jornalístico do termo, porque elas são "[...] méditations sur la guerre, la mort, la destruction, le sens de la vie" [meditações sobre a guerra, a morte, a destruição, o sentido da vida] (Cate 1994: 245).

Sob essa perspectiva, Saint-Exupéry desenvolve a narrativa de um episódio vivido durante a guerra civil, quando é preso por um grupo de anarquistas enquanto observava o embarque de um material secreto em uma estação de mercadorias. Na prisão, foi interrogado, mas como não compreendia muito bem a língua, não pode expressar-se como gostaria e não foi entendido pelas poucas palavras que utilizou ao tentar se justificar.

De fato, ele estava com muito medo de ser morto, já que, até aquele momento, os interrogadores não haviam entendido que ele era um jornalista e não um espião. Também eram muito radicais, como Saint-Exupéry descreve: “Je ne connaissais rien sur eux, sinon qu’ils fusillaient sans grands débats de conscience” [Eu nada sabia sobre eles, a não ser que fuzilavam sem grandes lutas de consciência] (Saint-Exupéry 1999: 98).

Entretanto, ocorre um “milagre muito discreto” que, para o autor, transforma a situação na qual se encontrava. No cárcere, Saint-Exupéry percebe que um dos carcereiros tinha cigarros; então, por meio de um gesto, pede-lhe um e esboça um vão sorriso. Para seu espanto, o homem lentamente se espreguiça e também lhe devolve o sorriso. Em agradecimento, o prisioneiro coloca a mão nos ombros do guarda em sinal de gratidão pelo sorriso e pelo cigarro.

Sendo assim, ele vive o verdadeiro milagre, ou seja, o sorriso do soldado, como o nascer de um dia. Na realidade, nada havia se transformado no local, ele ainda continuava preso, contudo, aquele sorriso havia dado um novo sentido àquela situação. Mais uma vez, o autor vive um paradoxo ao afirmar: “Rien n’avait changé, tout était changé” [Nada havia mudado, tudo estava mudado] (*ibidem*: 99).

Além disso, o autor retorna à metáfora utilizada no capítulo anterior a propósito de sermos membros de uma mesma Igreja, uma vez que a fraternidade sincera dá condições ao homem de viver em comunidade, respeitando o indivíduo em suas particularidades: “Nous nous rejoignons dans le sourire au-dessus des langages, des castes, des partis. Nous sommes les fidèles d’une même Église, tel est ses costumes, moi et les miennes” [Reunimo-nos no sorriso acima das línguas, das castas, dos partidos. Somos fiéis de uma mesma Igreja, os outros e seus costumes, eu e os meus] (*idem*: 100).

Nesse mesmo sentido, no quinto capítulo, ele vai desenvolver algumas reflexões em torno do tema já anunciado no início do capítulo: “Respeito pelo homem!” Por quatro vezes ele faz este apelo, fazendo uso do ponto de exclamação, talvez para representar o seu grito em um mundo surdo às necessidades dos homens. Para ele, sobretudo naquele período de guerra, o respeito pelo homem estava abalado por uma visão unilateral dos regimes totalitários.

Assim, essa reflexão a propósito do respeito pelas diferenças do próximo, conduz para o fechamento no sexto capítulo, que será direcionado a seu amigo judeu, sem, entretanto, declarar sua identidade. Nesse capítulo, ele emprega a segunda pessoa, como se realmente escrevesse uma carta para seu amigo: “C’est sans doute pourquoi, mon ami, j’ai un tel besoin de ton amitié. J’ai soif d’un compagnon qui, au-dessus des litiges de la raison, respecte en moi le pèlerin de ce feu-là” [É sem dúvida por isso, meu amigo, que tenho tamanha necessidade de sua amizade. Tenho sede de um companheiro que, acima dos litígios da razão, respeite em mim o peregrino deste fogo] (*ibidem*: 102).

De acordo com as obras biográficas sobre a vida desses dois escritores, eles sempre mantiveram uma amizade fraterna baseada na igualdade e no respeito, mesmo Léon Werth sendo vinte e dois anos mais velho. Os dois amigos apreciavam uma boa discussão e quase nunca concordavam com as mesmas ideias, todavia estavam unidos por uma grande tolerância pelas opiniões um do outro.

E é justamente dessa tolerância que Saint-Exupéry sente falta, uma vez que confia ao amigo que está farto das polêmicas, dos fanatismos e dos exclusivismos. Sofrendo os ataques de seus compatriotas em solo norte-americano e sabendo da perseguição aos judeus em seu país de origem, ele confessa estar cansado de estar em um mundo no qual o homem não é respeitado em sua essência.

Nos dois últimos parágrafos de *Carta a um refém*, o autor denuncia os horrores dessa perseguição aos judeus, sem, contudo, dar nome ao sistema político nazista. Por essa razão declara: “Toi si français, je te sens deux fois en péril de mort, parce que français, et parce que juif” [Você, tão francês, sinto que está duas vezes em perigo de morte, como francês e como judeu] (*ibidem*: 103).

De fato, Saint-Exupéry teme que Léon Werth caia em mãos nazistas e seja morto, como aconteceu a muitos intelectuais que não compactuavam com as ideias desse regime totalitário. Entretanto, sua preocupação não é restrita ao amigo, uma vez que ela se estende aos outros “reféns” que estão sob os olhos dos nazistas:

Pour nous, Français du dehors, il s’agit, dans cette guerre, de débloquer la provision de semences gelées par la neige de la présence allemande. Il s’agit de vous secourir, vous de là-bas. Il s’agit de vous

faire libres dans la terre où vous avez le droit fondamental de développer vos racines. Vous êtes quarante millions d'otages.

[Para nós, franceses de fora, trata-se, nesta guerra, de descongelar a provisão de sementes congeladas pela neve da presença alemã. Trata-se de socorrer vocês, que estão ao longe. Trata-se de fazer com que vocês sejam livres na terra onde têm o direito fundamental de desenvolver suas raízes. Vocês são quarenta milhões de reféns]. (*idem*: 103)

Portanto, podemos contemplar o olhar sensível de um escritor que, por meio das experiências vividas e lembradas, é capaz de enxergar a si mesmo, ao outro e ao mundo que o rodeia com respeito e tolerância, valores pouco cultivados em tempos bélicos. O seu olhar em trânsito, rememorando tantos itinerários – como sua passagem por Portugal, o tempo vivido no deserto do Saara, o almoço com o amigo em Fleurville, o milagre do sorriso ocorrido durante a guerra civil espanhola, sua experiência como piloto de guerra e de exílio nos EUA – é capaz de configurar um sujeito com uma “pluralidade de visão”, como afirma o teórico Edward Said (2003: 59):

A maioria das pessoas tem consciência de uma cultura, um cenário, um país; os exilados têm consciência de pelo menos dois desses aspectos, e essa pluralidade de visão dá origem a uma consciência de dimensões simultâneas, uma consciência que – para tomar emprestada uma palavra da música – é *contrapontística*.

Afinal, é por meio desse *olhar plural* e entrelaçando os fios da memória, que o autor denuncia as intolerâncias em tempos de guerra e recupera os valores essenciais para a humanidade, renovando seu apelo, quase como um grito: “Respeito pelo Homem!”

## Bibliografia

Castro, Augusto (1956), *Mundo português, imagens de uma exposição histórica 1940*, Lisboa, Edições SNI.

Cate, Curtis (1994), *Antoine de Saint-Exupéry Laboreur du Ciel*, Paris, Bernard Grasset.

Maria, Irmã Rosa (1973), *Saint-Exupéry e o Pequeno Príncipe*, São Paulo, Paulinas.

Said, Edward (2003), *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*, trad. Pedro Maia Soares, São Paulo, Companhia das Letras.

Saint-Exupéry, Antoine de (1999), *Lettre à un otage*, in *Oeuvres Complètes I*, France, Éditions Gallimard: 88-107.

Villers, Jean-Pierre de (2006). “Le Petit Prince, une histoire américaine”, in Cerisier, Alban (2006), *Il était une fois Le Petit Prince*, Paris, Gallimard: 45-55.

**Patrícia Munhoz** possui graduação em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2004) e Mestrado em Letras (2008) na área de Literatura e Vida Social por essa mesma Universidade. Atualmente é doutoranda junto ao Programa de Pós-Graduação Letras, na área de Literatura e Vida Social da Faculdade de Ciências e Letras de Assis, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), com bolsa FAPESP. Desde 2010, desenvolve o projeto de pesquisa: “A influência da Segunda Guerra Mundial na produção literária de Saint-Exupéry”. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura Brasileira e Francesa, e tem apresentado e publicado trabalhos sobre os seguintes temas: Visconde de Taunay, Guerra do Paraguai, conflitos bélicos, Saint-Exupéry e Segunda Guerra Mundial.

## NOTAS

---

<sup>1</sup> A expressão “*maison des souvenirs*” (casa das lembranças, em português) é empregada por Saint-Exupéry, em *Carta a um refém*, no seguinte trecho: “L’essentiel est que demeure quelque part ce dont on a vécu. Et les coutumes. Et la fête de famille. Et la maison des souvenirs. L’essentiel est de vivre pour le retour...”. [“O essencial é que fique em alguma parte aquilo vivemos. E os costumes. E a festa da família. E a casa das lembranças. O essencial é viver para a volta...”] (Saint-Exupéry 1999: 92).

<sup>2</sup> Essa obra só foi publicada em 1992, por Editions Viviane Hamy.